



Da potência transformadora das artes com comunidades: Um glossário mutante¹

Teresa Fradique

Este texto resulta de um testemunho que parte do convite instigante para acompanhar o *Encontro Mutante – O mundo como sala de aula: trilhando caminhos, construindo cidadania com arte*, um momento de partilha e celebração do culminar do projeto com o mesmo nome², promovido pelas Comédias do Minho entre 2021 e 2023, que se alastrou pelo território de dez municípios do Alto Minho e tomou como foco adolescentes entre os 12 e os 18 anos. Um projeto de inclusão e empoderamento, sob o signo da transformação – aquela que acontece em permanência, mas mais radicalmente nos jovens desta idade, tornando-os mutantes –, e que é exercitada através da aproximação a diversas práticas artísticas. Com as suas oficinas, rotas e paragens, o projeto propõe uma abordagem sistémica ao incluir não só uma abrangência territorial e social notável, mas também um cruzamento de eixos entre aqueles que são o seu objeto, as pessoas adolescentes, e os profissionais que com eles estão em contacto direto³.

O Encontro Mutante surge assim como a última paragem desta rota em que se reúnem olhares de dentro e de fora, juntando “pessoas de distintas pertenças geográficas, culturais, artísticas e profissionais, potenciando olhares diversos sobre a realidade, a educação e a inclusão social pela arte e pela cultura”, com o intuito de “parar para pensar, para partilhar, para conversar, para fruir”⁴. Mutantes não são apenas as pessoas adolescentes que viveram o projeto como experiência transformadora⁵, mas somos também nós, pessoas adultas que ocuparam um auditório durante três dias e que, no itinerário das falas encaixadas, do tempo contado, da distinção entre palco/quem fala e plateia/quem escuta, conseguiram criar uma *zona de nutrição*⁶ que alimenta *zonas de ignição* formadas pelo pensamento conjunto a partir da experiência das artes como forma de ativar a (transforma)ção. Estas zonas surgiram a partir de duas plataformas temáticas que propunham dois processos de partilha: uma primeira designada *Escutar para despertar*, que assumiu um modo mais próximo da conferência ou palestra, cruzando pessoas e reflexões a partir de diferentes áreas; e uma segunda intitulada *Partilhar para aprender*, mais próxima do formato de mesa redonda, em que vários responsáveis por projetos nas áreas da inclusão social pela arte e processos artísticos com comunidades partilharam as suas experiências⁷. As fronteiras entres estes vários momentos foram porosas e, nesse sentido, o encontro foi ganhando a sua forma e mutando as premissas do seu próprio subtítulo. De conceber o mundo como sala de

1. Agradeço profundamente às Comédias do Minho e à sua diretora artística Magda Henriques o convite para acompanhar o *Encontro Mutante – O mundo como sala de aula: trilhando caminhos, construindo cidadania com arte* que decorreu no Centro Cultural de Paredes de Coura, entre 14 e 16 de Abril de 2023 e que aceitei consciente da dificuldade da tarefa, mas sobretudo grata pela confiança depositada.

2. O projeto Mutantes insere-se na iniciativa Cultura para Todos, promovida pelo NORTE2020.

3. O projeto incluiu três ciclos de oficinas: as Oficinas Sazonais “Férias Mutantes”, as Oficinas de Continuidade, que decorreram durante o ano letivo de 2021/22, e as Oficinas de Capacitação “Rota Mutante”, destinadas aos profissionais.

4. Da folha de sala do Encontro Mutantes, Comédias do Minho, Paredes de Coura, 14-15 Abril de 2023.

5. A este propósito veja-se os resultados das duas oficinas realizadas sob o eixo *Mutar para Prosseguir* durante os encontros – a Oficina com adolescentes orientada por Joana Castro e o Laboratório pela Associação A3S, assim como os diferentes contributos desta publicação.

6. Uma expressão formulada por Madalena Victorino durante um dos debates e completada, de

certa forma, por Maria de Assis quando abriu a sua intervenção afirmando que nestes dias se ficou com a sensação de estarmos “grávidas de ideias”.

7. O eixo *Escutar para despertar* foi formado por dois painéis. No painel *Não te esqueças de viver: a utilidade do inútil*, participaram José Pedro Serra e Sara Antónia Matos, com moderação de Carlota Quintão e Magda Henriques; no painel *Empurrar o mundo: um imaginário para além da catástrofe* participaram Jorge Andrade e Teresa Castro, com moderação de Cristina Planas Leitão. O eixo *Partilhar para aprender: Conversa em torno de projetos* teve duas sessões, uma primeira com Madalena Victorino, Vito Gil-Delgado e Ondamarela, com moderação de Marco Paiva; e uma segunda com Cláudia Dias, Maria de Assis e Melissa Rodrigues, com moderação de Yola Pinto.

8. Uma imagem convocada por Melissa Rodrigues na sua intervenção.

9. Refiro-me à oficina com adolescentes orientada por Joana Castro que decorreu durante os dois dias de encontro e que culminou no último dia num exercício performático e numa conversa.

aula, fomos reivindicando a urgência mais literal de uma sala de aula como mundo e, enquanto trilhávamos em conjunto caminhos partilhados, fomos deixando ficar pelas *encruzilhadas*⁸, lugares frutíferos de passagem e de paragem, para refletir sobre as possibilidades de direções a tomar.

Durante dois dias, numa sala, adultos sentados a conversar, no restante edifício, adolescentes a *oficinar*⁹. Se a condição do adolescente é a da liminaridade e a da mutação por excelência, também assim será a sua condição cidadã – e a sua relação com a arte –, cuja plenitude implica abrimo-nos aos seus modos de conversar, à natureza dos seus possíveis modelos de governança, às escolhas que fazem quando se deparam com as suas próprias encruzilhadas. E se partimos da premissa, comprovada pela observação e pelos testemunhos apresentados durante os encontros, de que a arte transforma estes jovens mutantes, então importa acolher a transformação que eles podem operar no campo artístico, nos seus contornos, no papel dos seus agentes, nos seus modos de fazer.

Enquanto *zona de nutrição* e *lugar de encruzilhadas*, os encontros mutantes foram assim um apelo à possibilidade de uma *implicação recíproca* que permite fazer emergir uma *paisagem comum*. Inspiro-me aqui nas reflexões de João Fiadeiro e Fernanda Eugénio, que sempre convoco quando estou perante um contexto de reunião de pessoas desenhado com a consciência da potência e da responsabilidade de que esse ato se reveste. As suas palavras sugerem-nos um sem fim de possibilidades e de denominações para as operações complexas que se formam nessa trama que é o *estar junto*:

O encontro só é mesmo encontro quando a sua aparição acidental é percebida como oferta, aceite e retribuída. Dessa implicação recíproca emerge um meio, um ambiente mínimo cuja duração se irá, aos poucos, desenhando, marcando e inscrevendo como paisagem comum. O encontro, então, só se efetua – só termina de emergir e começa a acontecer – se for reparado e consecutivamente contra-efetuado – isto é, assistido, manuseado, cuidado, (re)feito a cada vez interminável. (Fiadeiro e Eugénio, 2012, pp. 65-66)

Esta proposta de *práticas de encontro* e de *manuseamento coletivo do viver juntos* de Fiadeiro e Eugénio surge da sua compreensão de que este é momento para *reparar no que há à volta* e:

Suspender o regime da urgência, criando as condições para uma abertura desarmada e responsável à emergência. Substituir a expectativa pela espera, a certeza pela confiança, a queixa pelo empenho, a acusação pela participação, a rigidez pelo rigor, o escape pelo comparecimento, a competição pela cooperação, a eficiência pela suficiência, o necessário pelo preciso, o condicionamento pela condição, o poder pela força, o abuso pelo uso, a manipulação pelo manuseamento, o descartar pelo reparar. Reparar no que se tem, fazer com o que se tem. E acolher o que emerge como acontecimento. (Fiadeiro e Eugénio, 2012, p. 67)

Esta é uma ética exigente, de reparação continuada, difícil de encaixar nos constrangimentos múltiplos que enquadram as várias instituições convocadas em torno deste projeto, mas que, por isso mesmo, se devem deixar afetar por aquilo que a experiência artística abre de possibilidade de transformação desses mesmos regimes e ambientes de exigência institucional. Sejam eles os municípios, as escolas com as suas salas de aulas e aprendizagens compartimentadas, os relatórios de resultados e evidências, a calendarização dos dias e dos prazos que ditam um fim em forma de fechamento. Desenhar um projeto e um encontro final sob o signo da *mutação* é, parece-me, um desejo de criar a possibilidade da emergência do acontecimento que nos permite conceber formas mais justas e atentas de viver juntos.

§

Como resultado do meu processo de escuta e atenção nestes dois dias de Encontro Mutantes, proponho então um processo aberto de registo, que evita a linearidade e a disciplina do relato enquanto descrição de um acontecimento único e finito. Em vez de *descrever*, pretende-se contribuir para *nutrir*. Este *glossário mutante* assume desde logo a sua continuação, ou seja, a possibilidade de ser “assistido, manuseado, cuidado, (re)feito a cada vez *interminável*” como nos propõem Fiadeiro e Eugénio. As sete entradas que aqui se ensaiam são exemplificadas de um exercício

10. O texto toma como base os meus apontamentos ao longo do encontro e a síntese que apresentei no seu final. Procurei ser o mais fiel e justa face àquilo que foram intervenções que aqui são referidas e que alimentam esta coreografia de testemunhos e reflexões. Empeñei-me em ser justa e fiel nas interpretações que apresento dos contributos referidos, sendo que qualquer desvio na sua interpretação, apesar de involuntária, é da minha inteira responsabilidade.

possível, assumindo-se mais como formas de *igniçã*o, do que esforços de sistematização. Assim, o texto que se segue não pretende ser um registo total de todas as intervenções, mas antes uma coreografia de alguns dos pensamentos, expressões, testemunhos, propostas ou reflexões apresentadas por algumas e alguns dos convidados, que, na sua conjugação, e assumindo o objetivo do evento de promover reflexões cruzadas entre os vários participantes, se pretende que funcione como um documento aberto¹⁰.

Contribuições para um *glossário mutante*

Resistir a resolver o espanto

É pelas palavras de José Pedro Serra, convidado do painel *Não te esqueças de viver: a utilidade do inútil*, que encontramos a nossa primeira entrada deste glossário mutante. Diz-nos Serra que, quando nos espantamos, logo queremos *resolver esse espanto*, porque é incomodativo e fonte de insegurança, convoca uma experiência de rutura com o habitual e com a resposta mecânica típica, deixando-nos desamparados. É no acolhimento do desamparo produzido pelo espanto que surge a possibilidade de um *terreno fértil* onde acontece o *florescimento indomável da vida*. Espantar é dispormo-nos ao novo, à alteridade, ao diálogo, à comunidade: é uma *experiência aterradora de estranheza radical*, de estar perante a vida sem bengalas, perante o universo aberto.

Iniciar uma mutação radical

Continuamos com José Pedro Serra nesta segunda entrada para trazer uma ideia de cultura enquanto campo fértil onde estas operações de *estranheza* e *florescimento* podem acontecer. No entanto, se a considerarmos como um fim em si mesma e não como o meio que é para a frutificação, acabamos por atraiçoar aquilo que a própria cultura convoca – o trabalho no campo fértil a ser cultivado. Disse-nos ainda Serra que o tipo de experiência provocada e cultivada pelo *espanto* é uma forma de abertura que é intransmissível. É a própria vida a acontecer sendo, por isso, criminoso calá-la. Particularmente quando estamos perante jovens adolescentes. Deixá-la frutificar pela sua mão é permitir *iniciar uma mutação radical*.

Empurrar o mundo, suspender o céu

Com o painel *Empurrar o mundo: um imaginário para além da catástrofe*, o pensamento krenakiano fluiu, subterrâneo, como um *rio que nos fala* (Krenak, 2022a). O mote para a discussão passava justamente pelas suas palavras, quando nos desafia a “ter a coragem de ser radicalmente vivos” e a “não negociar sobrevivência”. Com Krenak podemos aprender não só a importância de empurrar o mundo, mas também de empurrar o céu, cantando e dançando, como nos ensina o saber ancestral de diferentes povos.

Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo e respirar. (...) Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. (Krenak, 2022b, pp. 28-32)

Uma ideia de humanidade obsoleta

A quarta entrada deste glossário em aberto vem pela mão de Teresa Castro, participante do mesmo painel, e que nos convida a pensar na possibilidade de ultrapassar o cenário de catástrofe e do seu imaginário – tantas vezes consagrado nos filmes americanos e seus heróis salvadores – para fazer emergir um ambiente regenerativo. Esta emergência só é possível se tomarmos consciência de que a vulnerabilidade que afeta os seres humanos e os *seres mais do que humanos* é uma vulnerabilidade partilhada por todos, ainda que a diferentes tempos e com diferentes intensidades. Como lembrou Castro, convocando Krenak, o mundo não pára de acabar para os povos indígenas há mais de 500 anos¹¹, e, por isso, a urgência com que os povos ocidentais encaram a catástrofe ecológica é, não apenas recente, mas efeito da violência com que os seus modelos civilizacionais feriram o planeta e os seus ecossistemas, apercebendo-se, agora, que também eles ficaram feridos. A crise ecológica não é, portanto, apenas uma crise do ambiente, mas também uma *crise da própria subjetividade* que nos deve levar a pensar em como vamos ser capazes de nos transformar enquanto pessoas e no que queremos ser enquanto *humanidade*. Justamente porque a conceção que dela herdámos parece estar *obsoleta*. Mais uma vez, Krenak:

11. Ver, por exemplo, entrevista a Ailton Krenak por Martins e Beleza (2018).

12. Aqui a expressão “enquadramento” remete de forma literal para a sua dimensão cinematográfica já que o trabalho de Teresa Castro se centra nas ligações entre cinema e animismo, pensando o cinema como modo de treinamento de uma ecologia afetiva.

13. Ver <https://www.lavromar.pt> e <https://lavromiraealagoa.pt>, especificamente, o espetáculo *Bowing*, 2022 (<https://www.facebook.com/watch/?v=297175359118373>) e *Bowing Back*, 2022 (<https://www.facebook.com/watch/?v=2110195775854317>).

A ideia de que os brancos europeus poderiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro de uma humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito aqui de estar na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história. Agora, no começo do século XXI, algumas colaborações entre pensadores com visões distintas originadas em diferentes culturas possibilitam uma crítica dessa ideia. Somos mesmo uma humanidade? (Krenak, 2022b, pp. 11-12)

A atenção é política

É ainda Castro que nos traz a última entrada inspirada por este painel com uma proposta de que as artes podem, hoje, ter um papel estruturante na renovação dos imaginários e na reconfiguração das nossas sensibilidades e esferas de atenção, trazendo para o seu centro as pessoas e os restantes seres que estão fora do seu enquadramento¹² convencional. É neste sentido que Castro afirma que *a atenção é política*: porque, se, por um lado, ela é hoje uma mercadoria valiosa – sequestrada por um conjunto de dispositivos e conteúdos que nos “consomem” –, por outro a sua reconfiguração permitirá usar as artes da observação para renovar imaginários e produzir transformação. Castro propôs-nos, assim, quebrar a ideia de atenção como uma forma de eficácia, para trabalhar uma sensibilidade que é capaz de atender ao outro como alguém com quem se partilha uma vulnerabilidade. E esse outro é, não só humano, como, sobretudo, *mais que humano*, pois é nele que reside uma possibilidade de fazer emergir outras formas, mutantes, de sobrevivência num planeta ferido.

A experiência artística na comunidade como um ambiente de equidade total

Na primeira conversa sobre projetos de inclusão social pela arte e pela cultura, sob o eixo *Partilhar para aprender*, Madalena Victorino trouxe-nos os seus *Lavrar o Mar* e *Lavrar o Mira e a Lagoa*¹³, dedicados à atividade cultural e artística para o Algarve de baixa densidade e Alentejo e ao trabalho com a população asiática. A comunidade de que nos falou é composta por 20 mil homens, que chegam a pé, de avião ou de carro

a pequenas localidades inseridas num *parque natural* que se tornou num *vale de plástico* e onde há cada vez mais pessoas, menos trabalho e menos casas. É através da experiência estética, em particular da dança, como lugar de confiança e verdade – porque “o corpo não mente” – que se instaura um *momento de equidade total*, capaz de anular o que está lá fora. Uma experiência mutante, que redesenha o corpo, aliviando-o dos torções provocados pelo trabalho nas estufas, e que substitui o *suor do pânico* pelo *suor da dança*. Para Victorino, a prática artística, quando convocada em contexto participativo ou colaborativo, permite criar um certo tipo de comunidade que se alimenta da *energia viciante* que é gerada e que a faz perguntar-se a cada momento “o que é que estas pessoas adorariam, para que viessem a correr ao nosso encontro?”.

Trabalhar a combustão, fazer a revolução

A última entrada deste glossário mutante alimenta-se de duas participações do mesmo eixo *Partilhar para aprender*. Começamos com Cláudia Dias e a sua proposta de acionar a dança enquanto potência revolucionária: onde não há, constrói-se e congrega-se, e onde as coisas não estão onde deveriam estar, vamos colocá-las lá, lutando. Enquanto “otimista do tempo longo”, e do *abrandamento como gesto político*, Dias desafia as temporalidades institucionais e os seus calendários cíclicos com a consciência de que “se não for para mim, há de ser para os vindouros”. Os seus projetos *Sete Anos Sete Peças* e *Sete Anos Sete Escolas*¹⁴ são o exemplo dessa resistência transformadora da temporalidade do compromisso entre instituições e criadores e entre criadores e cidadãos. Proporcionar aos jovens do 7.º ao 12.º ano de zonas urbanas degradadas ou em situação de vulnerabilidade social a experiência de criação, serve, na proposta de Dias, a defesa dos seus direitos culturais e a possibilidade de transformar a sua condição cidadã, cultivando a participação, a atenção e a capacidade para defender a coisa pública e democrática. Trata-se de trabalhar a educação, a adolescência e a vida em si como um ato performativo, tal como nos propôs Vito Gil-Delgado, e de trazer para as comunidades, com diferentes vulnerabilidades, a potência das práticas artísticas, naquilo que elas permitem de relação com “fenómenos extraordinários” capazes de proporcionar “habilidades práticas y conocimientos para su condición de ciudadanos”. Com a leitura do seu texto *El Fuego: Asignatura optativa para 3º ESO – Curso 2022-2023*, em que Gil-Delgado (2021) propõe um programa escolar especulativo,

14. Ver sobre *Sete Anos Sete Peças* <<https://alkantara.pt/arquivo/sete-anos-sete-pecas/>> e *Sete Anos Sete Escolas* <<https://gulbenkian.pt/projects/7-anos-7-escolas/>>, assim como o seu projeto editorial.

Referências

Fiadeiro, J. e Eugénio, F. (2012). Secalharidade como ética e como modo de vida: o projeto AND_Lab e a investigação das práticas de encontro e de manuseamento coletivo do viver juntos. *Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cénicas*, 12 (19): 61-69. DOI: 10.5965/1414573102192012063.

Gil-Delgado, V. (2021). *El Fuego: Asignatura optativa para 3º ESO – Curso 2022-2023*, Madrid.

Krenak, A. (2022a). Saudações aos rios. Em: *Futuro Ancestral* (pp. 11-27). São Paulo: Companhia das Letras.

Krenak, A. (2022b). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Martins, C. e Beleza, J. (2018, 19 outubro). “Somos índios, resistimos há 500 anos. Fico preocupado é se os brancos vão resistir”, Entrevista a Ailton Krenak. *Jornal Expresso*. <https://expresso.pt/internacional/2018-10-19-Somos-indios-resistimos-ha-500-anos.-Fico-preocupado-e-se-os-brancos-vaao-resistir>

mas oficial, capaz de ensinar a “invocar el fuego”, a “provocar el fuego” e a “mantener el fuego” foi-nos oferecido um duplo exercício combustão: institucional e poética. Entre os vários “Objetivos específicos de la asignatura El Fuego de 3º ESO” encontramos:

1. Salvar el fuego. (...)
3. Conocer y apreciar otros aspectos menos inmediatos de la espectacularidad y lo extraordinario. (...)
5. Mejorar la comunicación con lo intangible (...)
7. Conocer, analizar e inventar metodologias para invocar, mantener y avivar los fuegos.
8. Que no se apague nunca.

Notas finais: mutar para prosseguir

Este foi um encontro que se concebeu como um ponto de chegada e um ponto de partida e, nessa condição, ocupou o lugar liminar da *encruzilhada*, que Melissa Rodrigues convocou, enquanto espaço fértil de pensamento, de ação e, sobretudo, de desejo de transgressão. É a partir do testemunho de Rodrigues sobre a sua experiência e prática enquanto arte-educadora e educadora-curadora, na forma como busca a potência da desconstrução, como um *fogo que queima* para permitir usar a *fertilidade da cinza*, que busco inspiração para terminar, sem fechar, este glossário mutante. Como afirmou na sua intervenção no painel *Partilhar para aprender, a humanidade*, enquanto experiência de *dignidade*, ainda não chegou a todos os corpos. E é por isso necessário *mutar para prosseguir* e cuidar das *práticas do encontro* para fazer emergir um entendimento de como podemos construir um futuro juntos. Os *jovens mutantes* serão, estou certa, as guardiãs e os guardiões de preciosas possibilidades desse porvir.

§ INÊS LUZIO Valença, Verão 2021

(registos do Relatório de Mestrado da artista, <http://hdl.handle.net/10773/35276>)

A atenção dada à escuta dos ambientes sonoros envolventes foi iniciada logo no primeiro dia. Na segunda parte da sessão da tarde, propus que começassemos a responder às questões: “onde é que eu/nós estou/estamos?” e “que elementos sonoros definem este espaço?”. Começámos, de forma simples, no interior da sala, com os dois protocolos iniciais de 100 Exercises in Listening and Sound-Making de Schafer. (...) Estes dois protocolos cumpriram o propósito de estimular nos participantes a atenção particular à escuta que estava à procura de desenvolver, ao mesmo tempo que permitiram que iniciássemos o debate: “[c]onversámos um pouco. [...] Alguns sons deram lugar a dúvidas, por exemplo, o alarme, o lápis a escrever na folha, etc.

A proposta seguinte, pensada a partir da combinação de exercícios que fui experimentando em diferentes contextos, consistia em: encontrar um local específico no exterior (nas imediações da biblioteca); registar, em grupo, durante 5 minutos, todos os eventos sonoros (contínuos, repetitivos e únicos) que identificassem, juntamente com a indicação temporal (em minutos e segundos) que deveria ser feita com a ajuda do cronómetro do telemóvel. Num segundo momento, de volta à sala, cada grupo era desafiado a reinterpretar a sua “partitura sonora” com os instrumentos de pequena percussão e os objetos disponíveis e com a voz. Desta proposta resultaram 3 peças, e respetivas apresentações, que recuperámos mais tarde para o exercício final.

PROGRAMAÇÃO E PRODUÇÃO



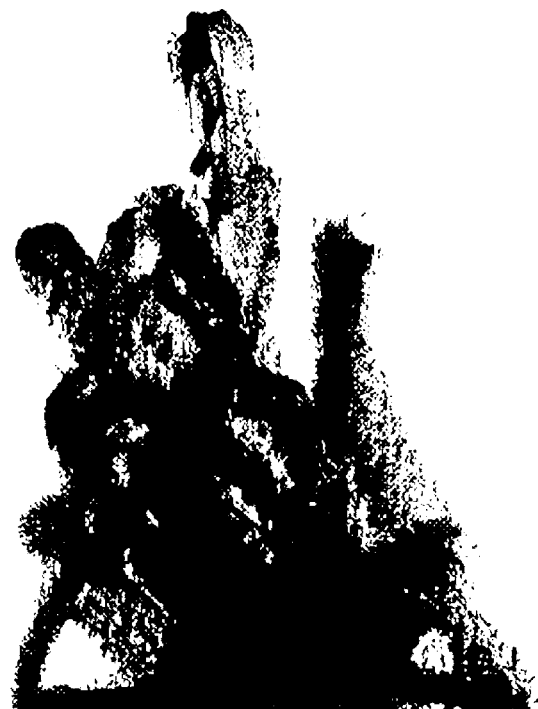
FINANCIAMENTO



APOIO INSTITUCIONAL



EQUIPA DE REFLEXÃO E AVALIAÇÃO



Coordenação editorial

Luísa Veloso, Magda Henriques, Carlota Quintão e Joana Marques

Textos

Maria Vlachou, Teresa Fradique, João Ferrão, Catarina Vaz Pinto, Alice Silva, Luís Carlos Silva, Pedro Morgado, Tânia Almeida, Magda Henriques, Edgar Azevedo, Joana Marques, Carlota Quintão, Filipa Rocha, Luísa Veloso, Liliana Claro, Mariana Abrantes, Teresa Castro, Manuel Jacinto Sarmento, Vítor Paulo Pereira

Design gráfico

André Cruz Studio

Tipografia

Atlas Grotesk; Lyon Text, Lyon Hed

Impressão

Maiadouro

Copyright

© Comédias do Minho

© A3S

Tiragem

750 exemplares

Depósito legal xxxxxxxxxxxx

1ª edição: Julho de 2023

Nota: A opção de utilizar ou não o novo Acordo Ortográfico ficou ao critério dos autores.

Comédias do Minho · A3S